

ARTIGOS

Ensinar, Brincar e Aprender

Cipriano Carlos Luckesi¹

Resumo: O texto aborda a questão da relação entre “ensinar, brincar e aprender”, mostrando que o ser humano aprende ativamente, isto é, através da compreensão e de múltiplos exercícios, tendo em vista criar o “caminho neurológico facilitado”. As crianças fazem isso pelo brincar, que é repetitivo em suas vidas cotidianas. O adulto realiza essa prática de modo semelhante, vinculado ao prazer da ação de aprender.

Palavras-chave: Ensinar e aprender. Ludicidade. Brincar.

Teach, Play and Learn

Abstract: The text addresses the issue of the relationship between “teach, play and learn”, showing that human beings learn actively, that is, through understanding and multiple exercises, in order to create the “neurological path facilitated”. Children do it for play, which is repetitive in their everyday lives. The adult performs this practice in a similar way, linked to the pleasure of learning.

Keywords: Teach and learn. Playfulness. Play.

¹ Doutor em Educação, PUC-SP. Professor aposentado da Universidade Federal da Bahia, desde 2002. Foi criador e coordenador do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Ludicidade (GEPEL), Programa de Pós-Graduação, FAGED/UFBA, autor de livros e artigos em revistas especializadas. E-mail:luckesi@terra.com.br

Aprender ativamente: característica fundamental do ser humano

Ensinar e prender através do brincar entre as crianças, corresponde ao ensinar e aprender entre seres humanos de outras idades, tendo como meta ludicidade como experiência interna; no caso, importa estarmos cientes de que cada idade tem suas especificidades.

O brincar é próprio da criança e lhe propicia estados lúdicos. Quando nos servimos da expressão “brincar” utilizada em relação a adultos, ela é metafórica, desde que brincar é um ato próprio da criança.

O ser humano é um ser ativo e, em função disso, aprende pela atividade, desde a concepção até a morte. No presente momento, que temos à nossa disposição recursos de investigação por imagens, sabe-se que o embrião, o feto e o bebê no ventre materno são ativos. E, após o nascimento, sem sombra de dúvidas, é pela ação que bebês e crianças aprendem e se desenvolvem; da mesma forma que o ser humano em outras idades. Nós adultos também aprendemos e nos desenvolvemos pela ação; uma ação compreendida, mas sempre por uma ação. Neurologicamente, o ser humano é um ser ativo, da concepção à morte; fato que implica que o ser humano, na sua integralidade, é ativo e, por isso, aprende ativamente.

Para que o entendimento, do mais simples ao mais complexo, se transforme em habilidade – e em competência, como hoje, gosta-se de dizer –, importa a ação. A aquisição de uma informação não é suficiente para que se afirme que se adquiriu um conhecimento, sob a forma de uma habilidade.

Não se aprende a cozinhar, sem que se pratique o ato de cozinhar, de alguma forma compreendido; de forma semelhante, sem a atividade, não se aprende matemática, física, língua nacional, língua estrangeira, fazer atendimento clínico por parte de um médico, fazer uma cirurgia, pintar, fotografar, pilotar um avião... As aprendizagens significativas no cotidiano da vida humana dependem da exercitação compreendida.

Mesmo quando, de modo absolutamente silente, lemos um livro ou participamos de uma conferência, nosso sistema nervoso está absolutamente ativo. Só estamos silentes em nossa expressão externa; contudo, internamente, enquanto os conteúdos estão nos sendo expostos

seja pelo autor do texto que estamos lendo, seja pelo conferencista que nos expõe suas compreensões, estamos ativos através de um turbilhão de processos de concordâncias, de discordâncias, de diálogos, de correlações com outros conhecimentos que possuímos; possibilidades novas de ação com base nas sugestões do que lemos, ouvimos ou vemos... Afinal, aprendemos ativamente.

As crianças, cujo cabedal de experiências e compreensões é mais restrito que de um adulto, aprendem pelo movimento, quase que com exclusividade. Então, caso você possa observar um casal – pai e mãe – caminhando num parque ou em uma praia com um filho pequeno, enquanto os dois adultos caminham em linha reta, a criança caminha para todos os lados, fazendo todos os ziguezagues e curvas possíveis. Ela precisa desse movimento para compreender e tomar posse do mundo que a cerca, enquanto os adultos já tomaram posse dessas experiências simples do cotidiano, por isso, aparentemente, não estão envolvidos com elas. Ocorre que muitas das experiências que a criança, agora, necessita aprender pelo movimento, os adultos já fizeram isso no passado e, por isso, detêm habilidades suficientes para andar em linha reta e compreender o que se passa dos lados; as memórias de experiências do passado, adquiridas ativamente, no momento, servem de recursos de compreensão do que se passa à sua volta, não necessitando de correr para todos os lados, tendo em vista ter ciência do que o mundo é ou o que está acontecendo.

Então, brincar é uma atividade própria das crianças e, por isso, elas aprendem, brincando: brincam de correr, de dar saltos, de fazer curvas, de escorregar, de falar, de brigar, de comer e dar comidinha às bonecas, de maternar, de paternar, de esconder-se, de lutar, de nadar, de andar, e, de tudo o mais que se possa elencar. A criança aprende brincando, por tanto, pela ação.

Bem, os adultos também aprendem pela ação, mas não mais pelo brincar; por outros modos de ação, inclusive os exclusivamente mentais, como, por exemplo, conteúdos de altos níveis de abstração na lógica e na matemática.

Ensinar pela ação

Ensinar pela ação significa que o educador não só respeitará como utilizará adequadamente essa qualidade do ser humano, que, de um lado, deverá ser o pano de fundo de suas atividades de ensino e, de outro, a meta das aprendizagens dos educandos. Não há como ser hábil em algum conteúdo sociocultural ou em algum algoritmo de ação, sem que se tenha praticado esse conhecimento até que ele seja internalizado e apropriado pelo sujeito que deseja conhecer e investe na posse de determinado conhecimento.

Na criança, a aprendizagem ocorre por experimentar ações com tudo o que lhe chama a atenção no dia a dia, por isso, é superativa; o tempo utilizado em uma atividade qualquer é curto; há que se vivenciar muitas e muitas coisas.

No adulto, a aprendizagem, que é ativa, ocorre da seguinte forma: (01) ele tem um passado de aprendizagens, o que implica que possui um cabedal de informações, compreensões e conhecimentos – habilidades e competências – que servem de base para a aquisição de novos conhecimentos; (02) recebe uma nova informação pelos diversos meios de exposição (livro, revista, documentário, filme, aula expositiva...); (03) processa a compreensão da informação recebida (assimila); (04) para transformar a informação em habilidade, há necessidade da exercitação, seguida de aplicação e, se possível, de recriação; (05) e, por último, produção de uma nova síntese (criação de soluções para o mesmo tema ou objeto de estudo). Importa, pois, observar que o adulto aprende pela ação, já tendo, em decorrência de sua história de vida, um conjunto de pré-requisitos que lhe auxiliam a compreender o que lhe é exposto numa nova situação de ensino e aprendizagem. Essa é a razão pela qual também não se movimenta a esmo, como faz uma criança no cotidiano.

Na criança, em primeiro lugar, está a ação e esta vai lhe possibilitando compreender o mundo e encontrar o modo de agir que lhe traz mais satisfação; fato que lhe confirma que sua ação lhe ensinou um bom modo de agir, o que implica que certamente ele será utilizado em futuras situação semelhantes. Essa aprendizagem possibilitará também evitar situações que foram desagradáveis; uma situação nova, que possa gerar um incômodo vivido anteriormente, será automaticamente evitada. Sempre pela ação.

Se a vida funciona dessa forma, ao educador não há outra solução a não ser atuar a partir dos ditames da natureza humana. Educar exclusivamente pela fala, certamente, que não estará se servindo desse núcleo da natureza do ser humano. Então, muitas vezes, pais, mães, adultos, educadores e educadoras farão belos discursos para uma criança e ela, ou não compreenderá o que foi dito, ou não assimilará a lição.

A criança necessitará da ação como recurso de compreensão; afinal, o mesmo ocorre com o adulto, com a diferença de que, no ensino do adulto, devido seu cabedal psicológico e cognitivo, poderá ocorrer uma inversão desse processo, isto é, ao invés da aprendizagem ter seu início pela ação, o tem pela fala e, a seguir, pela exercitação, que conduz à compreensão e retenção da informação. Isso pode ocorrer devido ao fato de que o adulto possui um cabedal de compreensão e entendimentos que servem de pré-requisito, base, para o entendimento de um novo desafio que se lhe apresenta. Recurso que a criança não tem.

Ensinar e aprender através do brincar

O ato de ensinar, através do brincar na educação infantil, implica na lidera e proposição e atividades por parte do educador². Para facilitar a compreensão, vou denominar as proposições do educador como “jogos infantis”, desde que quem brinca é a criança, o sujeito da ação de “brincar”; o educador propõe, orienta e supervisiona as atividades. Ele não brinca – nem mesmo tem como fazer isso, a não ser pelo uso de um a linguagem metafórica, como sinalizamos acima –, mas, num espaço de práticas educativas institucionalizadas, ele “propõe, orienta e supervisiona” as atividades das crianças, que, através dessas atividades, poderão ou deverão aprender determinadas experiências, assim como seus significados, na vida.

Em função disso, estou preferindo dizer que o educador, para ensinar crianças, propõe, orienta e supervisiona os “jogos infantis” numa prática educativa institucionalizada. Por “jogos” não estou compreendendo “jogos com regras”, mas simplesmente atividades que podem ser vividos livremente, com as possibilidades internas de cada criança. Ao educador,

² Vou utilizar o termo no masculino “educador”. Ainda que respeite, de coração, o feminino, fica enfadonho repetir sucessivamente “educador, educadora” ou “educador(a)”.

cabará propor as atividades, orientá-las, observar, acolher e supervisionar todas as possibilidades de ação e reação das crianças. Não há o certo nem o errado; importa observar as possibilidades e com elas dar direção à aprendizagem das crianças, na perspectiva de buscar a melhor solução da aprendizagem, por vezes, necessária, de determinadas condutas, sejam elas afetivas, cognitivas, motoras, sociais...

Para tanto, importa que o educador detenha um cabedal de conhecimentos teóricos e de habilidades práticas necessários para atuar na educação infantil, somados, sem sombra de dúvidas, ao desejo de que as crianças aprendam e, conseqüentemente, se desenvolvam, o que implica em prazer em trabalhar com crianças, paciência, investimento; e, de novo, prazer, paciência e investimento. Importa que os olhos do educador brilhem com o que faz.

Sem isso, o educador certamente estará agindo, como sinalizou Rousseau, como se a criança fosse “uma miniatura de adulto”. Uma criança é uma criança, por isso, age como uma criança, aprende como uma criança e o educador, que se disponha a atuar junto às crianças, necessita ter todas esses recursos, sem os quais estará acreditando que o modo de agir no ensino e na aprendizagem é linear isto é, igual ao longo das idades.

Referências

LUCKESI, Cipriano Carlos. Artigos: (1) “Educação ludicidade e prevenção de neuroses futuras: uma proposta pedagógica a partir da Biossíntese”, p. 9-42; (2) “Desenvolvimento dos estados de consciência e ludicidade”, p. 83-102; (3) “Ludopedagogia: partilhando uma experiência e uma proposta”, p. 119-131. In: *Educação e Ludicidade, Ensaios 01*, Coletânea publicada pelo Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Ludicidade (GEPEL), Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal da Bahia, 2000.

_____. “Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna”, p. 22-60. In: *Educação e Ludicidade, Ensaios 02; Ludicidade o que é mesmo isso?*, publicado pelo GEPEL, FACED/UFBA, 2002.

_____. “Estados de consciência e atividades lúdicas”, p. 11-20. In: *Educação e Ludicidade, Ensaios 03: Ludicidade onde acontece?*, publicado pelo GEPEL, FACED/UFBA, 2004.